

Distracções de arte (Artigo para a revista Effetto Arte)

Talvez os poetas e os escritores trabalhem em silêncio. A dizer a verdade, também eu: quando escrevo para vós ou para mim costumo fazê-lo sem distrações visuais nem acústicas; mas por que estranho motivo o artista visual, no acto de levar a sua ideia para a tela ou para a matéria, sente a necessidade inata de se distrair?

Deveria conduzir-se uma investigação científica para perceber os motivos: talvez a ansiedade de ver um bom resultado se transforme no medo de acabar depressa demais; talvez sejamos tomados pelo hábito infantil de fazer os trabalhos de casa a ver os desenhos animados; ou talvez, simplesmente, trabalhar canse.

De qualquer modo, nos ateliês de arte podem observar-se diversas modalidades com que o artista gosta de se distrair, das mais clássicas às mais arrojadas e criativas.

O café representa certamente a primeira e universal distração de qualquer ateliê; o essencial é usar a cafeteira italiana e não as modernas máquinas de cápsulas: o tempo necessário para a água passar da caldeira através do café até às chávenas permite-nos um breve descanso e duas conversas com assistentes, galeristas, visitantes ou, na falta destes, com personagens imaginárias; além disso, ficamos certos de que depois de um bom café o nosso trabalho avançará mais depressa.

Na realidade, ao oitavo café do dia o corpo habituado não recebe benefício algum; além disso, muitos gostam de fumar charutos intermináveis logo a seguir a um bom café, o que torna os ateliês bastante enfumados e quase totalmente privados de oxigénio, coisa que contribui para uma ligeira sonolência difusa.

Mas então o café não serve para nada, dá-nos que pensar.

O telefone, tal como o café, é uma contínua e bendita fonte de distração: pia a cada mensagem, cada partilha no facebook, cada mensagem da operadora, cada compromisso e lembrete; grita anunciando amigos, parentes, colegas e números desconhecidos que nos querem encantar com ofertas e histórias incríveis, evidentemente inspirados por um anjo que se apiedou da nossa entediada condição de executores da nossa própria ideia criativa.

O último motivo clássico de distração são as perguntas dos vossos assistentes e colaboradores, perguntas quase sempre pertinentes e devidas ao facto de não lhes terdes explicado de propósito bem o trabalho a realizar, de modo a que vos pudessem incomodar quanto antes;

para dirimir as dúvidas sobre o tom do gesso a estender nas telas ou sobre o tom do monocromático a utilizar, nada melhor do que parar um instante e, antes de mais, preparar um bom café.

E eis que o ciclo recomeça.

Mas para muitos tudo isto não basta, e eis que nascem, ao lado dos cavaletes, palafitas semoventes feitas de livros de arte, que acolhem no seu cimo televisores de sessenta polegadas, sistemas surround com subwoofers amplificados capazes de entornar ou fazer explodir todos os copos do bairro, sistemas mais ou menos elaborados para ouvir música, audiolivros, conferências, ver jogos de futebol, ditar memórias, tecer relações de amor e de trabalho.

Tudo para se distrair um bocadinho e não ter aquela terrível sensação de se estar a trabalhar. A necessidade de distração é uma patologia que, mais tarde ou mais cedo, atinge qualquer artista e criativo; mais vale resignar-se e escolher a distração que preferirdes. Eu aconselho leituras de clássicos e música ao vivo: ter alguém às vossas costas a ler, a tocar ou a falar também vos ajudará a avançar com o vosso trabalho, quanto mais não seja por uma questão de ego.

O atroz preço que se paga por esta síndrome consiste, naturalmente, em passar o sábado e o domingo sozinho no ateliê, a acabar o trabalho que se foi arrastando molemente durante toda a semana — um preço que, no fundo, se paga de bom grado, porque nos faz sentir verdadeiramente apaixonados pelo nosso trabalho.

Luca Motolese · Torino 2017

motolese.com — Texto original em italiano